

Por que guardar cadernos escolares?

O que revelam as famílias de alunos de classes populares

Why keeping school notebooks?

What families of lower class students reveal

Raquel Araujo¹

raquel.lga@hotmail.com

Juliana Ribeiro-Passos²

juliana.rl@globo.com

Adriana Tomaz³

tomaz.adriana@ig.com.br

Resumo

Este trabalho se concentra no discurso das famílias dos alunos pertencentes a um estudo longitudinal, realizado nos anos de 2005 a 2008, que forneceram cadernos como dados para a nossa pesquisa no ano de 2010. Nosso objetivo é compreender os motivos pelos quais os cadernos escolares eram guardados ao longo de vários anos, bem como os hábitos familiares relacionados à educação dos alunos e as influências desses hábitos na sua trajetória escolar. Através das entrevistas, foi possível perceber que metade das famílias guardava os cadernos de seus filhos como um objeto de afeto ou alguma referência de memória, sobrepondo uma finalidade pedagógica, que vinha a ser nossa hipótese inicial.

Palavras-chave: Avaliação educacional, Relação família-escola, Trajetórias escolares

Abstract

This paper concerns the discourse of the families of students who participated in a longitudinal study that took place from 2005 to 2008. Parents provided their children's notebooks as data to our research in 2010. Our target was to understand the reasons why the school notebooks were kept throughout years, as well as to understand the family's habits related to the students' education and the influence of these habits to their perspectives of future education.

¹ Bolsista como professora da educação básica pelo programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciada em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordenadora do Projeto Mais Educação, do Governo Federal.

² Bolsista como professora da educação básica pelo programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel e Licenciada em Letras – Português, Inglês e Literaturas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Especialista em Língua Inglesa, pela Universidade Veiga de Almeida. E-mail: juliana.rl@globo.com.

³ Bolsista como professora da educação básica pelo programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá.

Through the interviews, it was possible to notice that half of the families kept their children's notebooks as an object of affection or as a memory reference, overcoming a pedagogical aim, which had been our initial hypothesis.

Keywords: Educational assessment; Relation between family and school, School trajectory

Introdução

Este trabalho se insere em uma pesquisa longitudinal com os anos iniciais do ensino fundamental. A motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa deve-se à dificuldade de as escolas promoverem um avanço sustentável nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) para a quarta série, atualmente denominada quinto ano, o que é uma indicação de problemas aparentemente estruturais na fase inicial de escolarização. Pelos resultados do Saeb, de 1999 a 2005, o desempenho médio em português e matemática ficou estabilizado em níveis inferiores às proficiências alcançadas na primeira metade da década. Esses resultados indicavam um atraso na aquisição e consolidação dos elementos básicos da alfabetização e dos primeiros conhecimentos matemáticos. Também sinalizavam uma aparente incapacidade do sistema de fazer o diagnóstico e instituir as correções necessárias. A ausência de um diagnóstico sobre o momento e a natureza das dificuldades encontradas por professores e alunos, na superação dos atrasos na aprendizagem das habilidades básicas, se deve, em parte, à ausência de testes nos anos anteriores ao quinto ano. Também se deve à ausência de medidas longitudinais, capazes de identificar a evolução da aprendizagem a partir do primeiro ano.

A referida pesquisa investigou a aprendizagem em leitura e matemática, nos anos iniciais do ensino fundamental, num período de quatro anos (2005-2008). Foram utilizados como principais instrumentos de pesquisa testes cognitivos para medir a aprendizagem dos alunos e questionários para coletar informações contextuais, administrados a diretores, professores, pais e alunos. Os testes cognitivos foram aplicados anualmente, com duas aplicações em 2005, uma no início do ano letivo e outra no final. Com a análise do resultado desses testes, constatou-se que há um processo de desaceleração da aprendizagem em matemática, além de inconsistências na aprendizagem em

leitura, principalmente entre o terceiro e quarto anos (antigas segunda e terceira séries).

A partir desses resultados, a pesquisa buscou investigar o currículo ensinado pelos professores, com base na análise de suas respostas a um questionário contextual sobre as práticas dos professores em sala de aula e com base nos cadernos escolares, guardados pelos alunos participantes da pesquisa e suas famílias. Assim, os cadernos escolares são aqui entendidos como registros de práticas docentes.

Para a identificação das escolas da cidade do Rio de Janeiro que compuseram o estudo, estabeleceu-se um recorte de seis escolas municipais, a partir da evolução diferenciada das médias de proficiências na escala de leitura, de modo a tentar apreender aspectos relacionados à prática docente que pudessem indiciar essas diferenças. Essas escolas atendem, majoritariamente, a alunos de meios populares e formam dois grupos quanto à evolução do desempenho médio em leitura. Um grupo está constituído pelas escolas nas quais houve uma desaceleração no ritmo de aprendizagem entre o segundo e o terceiro ano escolar, e o outro grupo, por escolas nas quais houve a manutenção ou o acréscimo no ritmo de aprendizagem no mesmo período letivo, que corresponde aos anos de 2005 e 2006.

Durante o processo de coleta de materiais, tínhamos, inicialmente, uma relação nominal de 505 alunos. Realizados contatos com as famílias por cartas enviadas através das escolas, telefonemas e encontros presenciais, apenas oito alunos responderam positivamente à consulta sobre a preservação de algum caderno. Após o recolhimento desse número exíguo de cadernos, buscamos conhecer e entender melhor a cultura familiar dos sujeitos que preservaram esses documentos escolares. Para isso, visitamos as comunidades onde os alunos residem e realizamos entrevistas semiestruturadas com as oito famílias. Assim, este trabalho tem como finalidade trazer as vozes dessas famílias, com o intuito de compreender os motivos pelos quais os cadernos de seus filhos eram guardados depois de decorridos anos letivos, os hábitos familiares relacionados à educação dos alunos e as influências desses hábitos para a sua trajetória escolar.

Neste estudo, foram analisadas seis das oito entrevistas realizadas⁴. Os alunos que integram este estudo estão inseridos em duas das escolas municipais investigadas na pesquisa, cursando os primeiros anos do ensino fundamental nessas escolas e apresentando um aumento significativo nas proficiências médias, ao longo das cinco avaliações aplicadas. Essas escolas se situam nas mesmas localidades onde vivem os alunos. Duas dessas famílias moram em uma das comunidades mais populosas do Rio de Janeiro, que, localizada entre dois bairros de classe média alta na zona sul da cidade, tem espaços próprios de lazer e transporte de fácil acesso. As outras quatro famílias vivem em uma comunidade do subúrbio do Rio de Janeiro, que faz parte de um complexo de favelas na zona norte da cidade. Trata-se de uma comunidade de difícil acesso, pela escassez de meios de transporte, além de possuir pouca infraestrutura e espaços de lazer.

Além desta introdução, este trabalho está organizado em outras cinco seções. A próxima seção apresenta brevemente a literatura que discute o papel da família no processo de escolarização dos alunos.

Pesquisas sobre a relação família-escola

Diversas pesquisas conduzidas nos Estados Unidos e na Europa, na década de 1960, mostraram o impacto significativo das características socioeconômicas das famílias sobre o desempenho dos estudantes. Tais pesquisas afirmavam que o desempenho escolar dos alunos estava relacionado às características morfológicas das famílias, como renda, nível de instrução e ocupação dos pais, número de filhos etc. (NOGUEIRA, 2005). Os estudos indicavam que

[...] as vantagens econômicas tinham sobre o desempenho escolar um efeito menor do que aqueles dos fatores socioculturais (nível de instrução, atitudes e aspirações dos pais, clima familiar, hábitos linguísticos etc.). Assim, certas famílias foram consideradas mais capazes do que outras de iniciativas ao êxito escolar, devido a suas atitudes de valorização e interesse pelos estudos dos filhos, a sua ação de encorajá-los etc. (NOGUEIRA, 2005, p. 564).

Na década de 1970, as análises sociológicas reconhecem o papel da família no processo de escolarização dos filhos, mas diminuem sua

⁴ Todas as entrevistas foram realizadas no ano de 2011. Portanto, todas as citações de depoimentos doravante têm como referência essa data.

importância, ao enfatizar que a influência familiar se deve à sua condição social e não às ações, iniciativas e mobilizações que essas fazem em prol da escolarização de suas crianças. Ou seja, até os anos 1970, as pesquisas não exploravam a relação da família com a escola. Como afirma Nogueira (1998, p.93),

Se, portanto, as teorias da reprodução avançam a ideia de uma diferenciação na natureza das famílias segundo seu pertencimento de classe, elas permanecem ao nível do princípio: as famílias não são interrogadas por si mesmas nem por aquilo que fazem das determinações inerentes a seu pertencimento de classe. [...] Em suma, esse modo tradicional de tratamento, até então reservado à família, tinha por efeito ocultá-la sob as variáveis clássicas do pertencimento social (condições materiais de existência, *background* sociocultural).

Na década de 1980, a pesquisa sociológica em educação sofreu uma reorientação, passando a ter um olhar mais microscópico da realidade social e observando com mais cuidado as práticas pedagógicas cotidianas. Os estudos sociológicos se voltaram para as pequenas unidades de análise – o estabelecimento de ensino, a sala de aula, o currículo, a família –, entre outros aspectos. A partir de então, a sociologia da educação começou a se ocupar das trajetórias escolares dos estudantes e das várias estratégias utilizadas pelas famílias durante a vida escolar dos filhos.

A ênfase será posta agora na atividade própria do grupo familiar, definindo-se sua especificidade por sua dinâmica interna e sua forma de se relacionar com o meio social, em boa medida uma construção sua. Assim, o funcionamento e as orientações familiares operariam como uma mediação entre, de um lado, a posição da família na estratificação social e, de outro, as aspirações e condutas educativas e as relações com a escolaridade dos filhos. (NOGUEIRA, 1998, p. 95)

Antes distantes, hoje já há o “aparecimento de uma nova zona de interação” (VAN- ZANTEN, 1988, p. 187, *apud* NOGUEIRA, 1998, p. 96-97) entre a família e a escola, o que enriquece o processo educacional, propiciando “trocas” entre pais e professores. No entanto, Van-Zanten (1988) adverte que essa disposição para a troca não se apresenta da mesma maneira entre famílias de diferentes meios sociais.

De acordo com Lahire (2008), a escola é um universo de cultura escrita. No entanto, para se investigar a relação das famílias das camadas populares com a escola, é preciso questionar se essas possuem a mesma relação que a escola possui com a escrita.

Por detrás da similaridade aparente das categorias socioprofissionais, talvez se escondam diferenças, abismos sociais na relação com a escrita, diferentes frequências de recurso a práticas de escrita e leitura, diferentes modalidades de uso da escrita e da leitura, diferentes modos de representação dos atos de leitura e de escrita, diferentes sociabilidades em torno do texto escrito. (LAHIRE, 2008, p. 20)

Muitas vezes, a lógica de socialização da escola é muito diferente da lógica de socialização das famílias dos meios populares, o que faz com que os alunos se submetam a regimes disciplinares, familiares e escolares, diferentes ou opostos (LAHIRE, 2008). É comum que as famílias dos meios populares atribuam uma grande importância à autoridade da escola e do professor, pois não conseguem ajudar seus filhos durante sua escolarização. Por isso, os orientam a terem “bons comportamentos” e a se adequarem às regras escolares para, assim, serem “bons alunos”.

É verdade que, através de uma presença constante e um apoio moral ou afetivo estável a todo instante, a família também pode ajudar na escolaridade da criança. Nesse caso, a intervenção positiva das famílias, do ponto de vista das práticas escolares, não está voltada essencialmente ao domínio escolar, mas a domínios periféricos (LAHIRE, 2008). Nesse sentido, as famílias dos meios populares lançam mão de estratégias que podem favorecer o desempenho escolar de seus filhos. Lahire (2008) busca respostas para o sucesso escolar de alunos oriundos de meios familiares que, a princípio, são considerados como desfavoráveis para o sucesso escolar. Segundo ele, é mais significativo investigar o tempo disponível e as ocasiões favoráveis para que os pais exerçam, plena e sistematicamente, um papel positivo nesse processo, pois diferentes formas de interação com a escolaridade dos filhos contribuirão em maior ou menor grau para o êxito escolar.

Lahire (2008, p. 19) afirma que

só podemos compreender os resultados e os comportamentos escolares da criança se reconstruirmos a rede de interdependências familiares, através da qual ela constitui seus esquemas de percepção, de julgamento, de avaliação, e a maneira pela qual estes esquemas podem “reagir” quando “funcionam” em formas escolares de relações sociais.

Dessa forma, a busca por encontrar nas entrevistas pontos em que as famílias apresentem a visão que têm da escolarização dos filhos e a forma com que elas intervêm nessa escolarização nos ajudarão a encontrar pontos que apoiem a afirmativa de Lahire (2008) e nos auxiliem na busca por respostas

quanto ao sucesso escolar dos alunos pesquisados, em meio a um contexto social de possível fracasso escolar.

Passamos, assim, à perspectiva metodológica de nossa pesquisa.

Perspectiva de pesquisa

Este trabalho se propõe a analisar as entrevistas, para refletir acerca das falas apresentadas pelas famílias sobre o ato de guardar os cadernos escolares de seus filhos e das práticas familiares que podem estar relacionadas ao processo de escolarização. Partimos do pressuposto de que as famílias que guardavam os cadernos valorizavam o saber escolar e tinham como perspectiva que o sucesso escolar traria a seus filhos ascensão social, já que se tratava de famílias de baixa renda e moradoras de comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro.

Mediante entrevistas domiciliares com os responsáveis dos alunos que participam da pesquisa, foi possível abordar aspectos do cotidiano familiar, da rotina do aluno e do universo cultural dos sujeitos entrevistados. Buscou-se compreender, além dos motivos que levaram as famílias a guardarem os cadernos de seus filhos, aspectos relacionados ao acesso a materiais de leitura, à utilização da escrita no cotidiano familiar, às possibilidades de acesso a bens culturais, como cinema, teatro, exposições, entre outros, e à intenção de continuidade dos estudos dos alunos.

A entrevista é considerada uma boa ferramenta de pesquisa, pois auxilia na compreensão dos fatos relatados, viabilizando a interação entre pesquisador e pesquisado, principalmente quando se utiliza a entrevista semiestruturada. Com esse formato, as entrevistas fluem de maneira autêntica, pois, para se obter uma narrativa natural, muitas vezes é interessante fazer com que o pesquisado relembre parte de sua trajetória. Para tanto, o pesquisador pode ir suscitando a memória do pesquisado (BOURDIEU, 1999). Por esse motivo, consideramos a entrevista como um instrumento privilegiado para observarmos a relação família-escola.

Para a análise dos discursos apresentados pelas famílias, os dados foram gravados e transcritos. Bourdieu (1999) aponta que a transcrição é parte integrante da metodologia do trabalho de pesquisa. Ele afirma que uma transcrição de entrevista não é só aquele ato mecânico de passar para o papel

o discurso gravado do informante, uma vez que, de alguma forma, o pesquisador tem que apresentar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista. Desse modo, a transcrição já é uma parte do processo de análise dos dados.

Como visto, muito tem sido discutido sobre os papéis da família e da escola. A escola é a instituição que tem tradicionalmente como função a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado e da cultura erudita. De acordo com Saviani (2005), a escola se relaciona com a ciência, e não com o senso comum, e existe para proporcionar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência) e aos rudimentos (bases) desse saber.

Arroyo (2003) identificou que a escola deveria ser vista como um direito à educação básica, e não como ascensão social mediante o nível de escolaridade dos sujeitos, o que já é percebido pelos próprios jovens atualmente e confirmado no discurso de algumas famílias de classe popular. Veiga-Neto (2003), em concordância com Arroyo (2003), não vê a escola como redentora, com caráter salvacionista; ele afirma que é socialmente que os indivíduos aprendem a refletir sobre suas futuras ações.

No que diz respeito à família, um dos seus papéis é a socialização da criança. Sendo assim, procuramos observar, com as entrevistas, a identidade que as famílias constroem para si mesmas e para a escola. Para tanto, agrupamos as famílias pelo local onde residem, com o intuito de, através das falas, encontrarmos pontos de distanciamento e de aproximação entre as famílias entrevistadas.

Ao montar o roteiro das entrevistas, nos preocupamos em fazer perguntas que presumíamos que nos ajudariam a perceber a ação da família na vida escolar do filho. Perguntamos, então, se a família tem acesso a programas culturais, se escolheu a escola dos filhos, se gosta da escola, qual seria o motivo pelo qual guardavam os cadernos escolares e a perspectiva que a família tinha de continuidade dos estudos dos filhos. Entendíamos que, através dessas perguntas, conseguiríamos alcançar a fala dos pais sobre o quanto a família contribui para o sucesso escolar do filho.

Nas próximas seções, são apresentadas as famílias que compõem este estudo e as análises das respostas dos entrevistados.

Famílias que residem na comunidade Vila Cruzeiro

As famílias que residem na Vila Cruzeiro, comunidade localizada na zona norte do Rio de Janeiro, são representadas aqui pelos pais de Camila, Aline, Vivian e Anderson⁵.

Na casa de Camila, moram três pessoas: o pai, de 55 anos, a mãe, de 48 anos, e a menina, de 14 anos. Os pais têm dois filhos mais velhos, uma de 30 anos e o outro de 26 anos, que não moram mais com eles. A mãe estudou até a quarta série, é costureira, já trabalhou em fábrica, mas estava desempregada no momento da entrevista, fazendo pequenos consertos em casa. O pai era operador de máquinas aposentado. Camila cursava a sexta série, o que equivale ao sétimo ano do Ensino Fundamental; ela é a caçula da família.

Na casa de Aline, moram quatro pessoas: a mãe, de 38 anos, dois irmãos, de 20 e cinco anos, e Aline, de 14 anos. A mãe cursou o antigo segundo grau, mas não chegou a concluí-lo. Ela é passadeira e se encontrava desempregada. Os pais são separados desde que Aline tinha cinco anos.

Na casa de Vivian, moram quatro pessoas: a mãe, de 39 anos, o pai, que não informou sua idade, a irmã, de 17 anos, e Vivian, de 14 anos. A mãe diz que estudou até a antiga sexta série, está desempregada e faz bolos para ajudar no orçamento da família.

Na casa de Anderson, moram apenas o menino e seus pais. Anderson é filho único; os pais dizem que não querem ter mais filhos, porque o menino gosta de ser filho único e nunca pediu um irmão. Os pais estavam desempregados há aproximadamente dois anos. Ambos informaram que estudaram até a quinta série.

Quando perguntamos sobre o acesso dos entrevistados a programas culturais, identificamos que a frequência a esse tipo de espaço faz parte da rotina familiar de Aline, quando a mãe aponta “Cinema uma vez no mês”, e que seu acesso não está vinculado à escola e, sim, aos familiares que a acompanham. Por outro lado, para Camila, o acesso fica mais restrito, ela “...vai com.. assim com colega, não vai com a escola”, não sendo hábito da família acompanhar a menina. No caso de Vivian, a mãe declara não ter

⁵ Nomes alterados para este trabalho.

acesso a eventos culturais e diz que a menina vai aos passeios somente com a escola. Os pais de Anderson também dizem que não frequentam atividades culturais ou de lazer e que só saem com o filho para ir à igreja. Eles relatam que a última vez em que saíram com o filho foi quando Anderson era bem pequeno, dizem que foram ao zoológico e a Arraial do Cabo, mas que isso já faz muito tempo. A mãe conta que Anderson costumava ir a passeios escolares quando era menor, mas que ela não permitiu mais, porque pensava ser perigoso.

Quanto à escolha da escola dos filhos, as famílias apresentam respostas distintas. No caso da família de Camila, a escolha se deu pelo fato de a aluna poder dar continuidade aos estudos na mesma escola. A família conta que a aluna só mudou de escola, quando concluiu o último ano de escolaridade que a escola anterior oferecia. No caso de Aline, a família relata que a menina estudava em uma escola, cujo ensino a mãe considerava bom, mas, como não havia mais possibilidade de custear essa escola, a mãe procurou outra que pudesse manter o mesmo padrão de qualidade de ensino para a filha, conforme afirma no trecho: “Também é um dos melhores colégios que tem aqui ‘né’. Referência”. Já, segundo o relato da família de Anderson, o aluno estudava em uma escola bem próxima a sua residência, mas mudou de escola devido à violência visível perto do local aonde o menino estudava. Os pais dizem que era comum a presença de homens armados ligados ao tráfico próximos aos muros da escola. De um modo geral, com exceção da família de Aline, não encontramos nas falas algo que remetesse à busca por qualidade de ensino, somente à continuidade da escolarização e à proximidade da residência.

Ao perguntar às famílias se elas gostavam da escola, se os pais conheciam os professores e participavam dos eventos escolares, observamos que elas relatam formas distintas de participação no cotidiano escolar dos filhos. A família de Camila declara ter um distanciamento em relação aos professores atualmente e diz que participa das atividades escolares apenas quando solicitada. A família diz que havia uma participação maior quando a filha era menor. O distanciamento atual também é relatado pela família de Anderson. Os pais dizem que costumavam levar e buscar o filho na escola quando ele era pequeno, mas que, no momento, só vão à escola quando são

solicitados. No caso de Aline, a mãe se remete à escola com familiaridade, como alguém inserida no contexto escolar, que conhece os professores e acompanha os acontecimentos. É relatado que houve a coincidência de mãe e filha terem sido alunas do mesmo professor, o que ajuda a aumentar a familiaridade que a mãe tem com a escola. No caso de Vivian, a família também declara conhecer bem a escola, afirma que a escola é ótima, os professores e os alunos são bons, mas a parte física está muito ruim.

Quando as famílias são perguntadas sobre o motivo pelo qual guardavam os cadernos escolares, diante da fala dos pais de Camila, percebe-se uma intenção de cunho pedagógico, entendendo o caderno como uma fonte de pesquisa útil para a aluna e para outras pessoas que possam vir a precisar. O caderno é visto também como um auxílio para futuras atividades escolares, como um apoio didático que pode vir a dar suporte aos estudos na falta de outra fonte. Para a família de Aline, o caderno está vinculado à área afetiva, é visto como uma lembrança do que a aluna produziu ao longo de sua jornada escolar. A família costuma guardar também outros objetos que trazem à memória a sua história, e, entre eles, está o caderno. O mesmo é relatado pela família de Anderson. A mãe conta que tem “mania de guardar tudo”, mas também revela uma intenção pedagógica para essa ação. Ela diz que pensava que poderia precisar dos cadernos quando ela voltasse a estudar: “fiquei nessa de voltar a estudar, eu achava interessante guardar, ‘vinha’ os papéis com verbo, com isso, aquilo, aí eu guardava”. Diferentemente dos demais casos, para a família de Vivian, os cadernos eram guardados “por acaso”. A família conta que era a irmã mais velha quem guardava, tinha guardado até os cadernos da classe de alfabetização da irmã.

Em relação à perspectiva de continuidade dos estudos dos filhos, as falas apontam para perspectivas muito diferentes. A família de Camila não apresenta perspectiva em relação ao ensino superior; a família entende que concluir apenas o ensino médio é o suficiente. Camila não pensa no ensino superior. Nem em uma perspectiva utópica, ela consegue se remeter a tal grau de estudo. Esse distanciamento em relação ao nível superior também está presente na fala da família de Anderson. O pai diz que sua expectativa é que o aluno faça um curso técnico e que comece a trabalhar logo depois, pois eles são pessoas pobres e que “faculdade é um sonho”. De acordo com o pai, a

continuidade dos estudos para além do ensino médio ficará a cargo do filho, porque não será mais sua responsabilidade. A família de Aline se encontra do lado oposto; a mãe acredita na conclusão do ensino superior, e a filha já sabe que cursará direito.

Morando na mesma comunidade e estudando na mesma escola, percebemos diferentes pontos de vista em relação aos objetivos da família, na forma de a família lidar com a escola e também com a localidade em que mora. Podemos considerar que as famílias acompanham os filhos e, a sua maneira, são presentes na vida escolar dos mesmos. No entanto, percebemos que as famílias de Camila e Anderson demonstram bastante preocupação com a proteção de seus filhos, que, por viverem em um lugar considerado violento, não são autorizados a interagir com outras pessoas da comunidade. Seu círculo de amizade é formado pelos pais e a igreja que frequentam. O medo da violência se manifesta, nesses casos, através do controle excessivo. A mãe de Camila conta que a menina

fica mais em casa. Quando vem colega é um coleguinha daqui de casa mesmo, (...) em cima da laje. Ela agora tá de férias. Aí fica mais assim em casa, ela vai pra igreja, hoje mesmo foi pra igreja de manhã, pra consagração, aí viemos, aí tava aqui vendo televisão.

O mesmo é relatado pelos pais de Anderson e, nesse relato, o discurso da religião está bem presente. Os pais declaram que participam da igreja Testemunhas de Jeová, e que os valores que norteiam suas escolhas familiares são aqueles compartilhados com a comunidade religiosa da qual fazem parte. O pai chama, inclusive, essa comunidade de “rede de ensino”. Os pais dizem que estão criando o filho com base em valores religiosos, e que, por isso, o filho também frequenta a igreja. Eles só permitem que Anderson brinque com os colegas da igreja e com o primo. Dizem que não deixam Anderson ir à rua ou brincar com os vizinhos, porque temem a violência, que dizem ainda ser comum na comunidade onde moram.

Outro ponto importante é a participação dos alunos em cursos extracurriculares. A família de Camila conta que sua dificuldade financeira impede o custeio do transporte para a realização de cursos. Uma vez que a família mora em um ponto alto do morro, acaba sendo sacrificante para a menina fazer esse percurso a pé duas vezes ao dia. Outro motivo que faz com

que a menina não realize cursos fora do horário escolar é o fato de Camila ter ficado reprovada quando fazia um desses cursos. Desse modo, o curso é narrado como uma influência negativa na aprendizagem escolar, porque, ao invés de acrescentar aprendizados à menina, se tornou um sacrifício e até mesmo uma experiência desmotivadora. O tempo dedicado aos cursos foi, então, preenchido pela televisão que, de certa forma, é menos enfadonha e não tem custo.

Famílias que residem na comunidade Rocinha

As famílias que residem na comunidade Rocinha, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, são representadas aqui pelos pais de Vinícius e Eduardo.

Na casa de Vinícius, moram quatro pessoas: o pai, de 40 anos, a mãe, de 39 anos, a irmã caçula, de um ano, e Vinícius, de 16 anos. A mãe estudou até a antiga oitava série do ensino fundamental, é cabeleireira, mas, no momento da entrevista, não estava trabalhando, dedicava-se ao lar. O pai tem o segundo grau incompleto, é motorista, segurança de uma empresa e tem um negócio próprio de fotografia e filmagem.

Na casa de Eduardo, moram o pai, de 44 anos, a mãe, de 40 anos, o irmão, de 16 anos, a irmã, de oito anos, e Vinícius, com 14 anos. O pai trabalha como cozinheiro, e a mãe é dona de casa; os dois são naturais do Ceará. O pai fez a antiga Carta ABC, e a mãe fez supletivo e concluiu a antiga oitava série do ensino fundamental.

Quanto ao acesso a programas culturais, devido ao trabalho do pai de Vinícius, que ocupa os finais de semana, o menino frequenta esse tipo de evento apenas quando mediado pela escola. O pai de Vinícius diz que realizar atividades culturais é algo difícil.

[...] Só shopping, mais, só shopping. Cinema só o Vinícius vai às vezes com a turma da escola. Hoje é mais difícil, por falta de tempo mesmo... às vezes vai à programação, vai ao cinema, ao teatro, a pontos turísticos do Rio de Janeiro, ele costuma passear com a turma da escola. Conosco mesmo, sendo sincero, é difícil, muito difícil, sábado e domingo eu sempre tô em filmagem, fotografia...

Diferentemente de Vinícius, Eduardo e os irmãos costumam ter acesso frequente a teatro e cinema, atividades que eles apresentam como parte da

sua rotina. O acesso a esses eventos é mediado por uma amiga, que costuma fornecer ingressos para o teatro. A família frequenta programas culturais duas vezes ao mês. Eduardo é, portanto, o aluno que tem acesso ao maior número e diversidade de eventos culturais, de acordo com os depoimentos das famílias entrevistadas. Como explica a mãe de Eduardo,

[...] a escola de música sempre dá muito ingresso pro teatro, e é uma coisa que eles gosta 'né'. E sempre tem ingresso pro teatro, aí eles sempre vão... No Fashion Mall (shopping próximo à comunidade), porque a escola de música, eles dão pra escola de música, aí como o X (irmão de Eduardo) tem assim mais próximo da Y (amiga da família), aí sempre tem ingresso, aí a Y sempre deixa pra eles... tem mês que eles vão duas, três vezes, tem mês que eles vai uma vez. É assim, mas é uma coisa que eles... cinema também, eles gostam também. Eles vão quando tem filme que tá assim lançando. Aí eles vão, eles gostam. É bom também pra eles...

Quanto à escolha da escola dos filhos, a mãe de Vinícius conta que

“Ele foi matriculado através de uma professora, primeiro ele entrou no XX (nome do colégio) lá na Barra, a primeira escola dele foi ali... Foi, aí a professora gostava muito dele e resolveu mudar pra essa outra e ela falou assim ‘Eu vou levar o Vinícius junto’”.

Vemos que o vínculo que a família de Vinícius tinha com a professora era forte, a ponto de o menino acompanhá-la, mudando de escola junto com a professora. No caso da família de Eduardo, não fica claro na entrevista o motivo da escolha da escola. A mãe fala bastante sobre a escola, os professores e a direção, mas não aponta o motivo da escolha.

Ao perguntarmos se a família gostava da escola, se os pais conhecem os professores e participam dos eventos escolares, os pais de Vinícius elogiam a escola do filho e se mostram participativos, pois dizem interagir sempre com a instituição. O pai se refere a ela como “uma escola excelente, uma escola muito boa”. A mãe de Vinícius afirma ser próxima, inclusive, dos professores: “Eu conheço todos, sempre procurei saber, eles sempre vêm conversar comigo sobre ele, eles gostam muito dele também, sempre vêm conversar comigo e com ele. Eu sempre conheci todos os ‘professores’ dele”.

De acordo com o que foi relatado nas entrevistas, os pais de Vinícius e Eduardo participam de forma ativa na escolarização dos filhos, conhecem os professores e participam de eventos promovidos pela escola. As famílias valorizam a opinião dos professores e apoiam suas decisões quanto à vida escolar dos filhos. Observamos isso, quando os pais de Vinícius contam que

ele não precisava mais fazer uso da sala de recursos⁶, mas a professora disse que preferiria que ele continuasse, e os pais concordaram. No caso de Eduardo, isso fica claro, quando a mãe conta que concorda com a professora quando ela disciplinou o menino por ter lançado massinha no teto, pedindo que ele limpasse com a vassoura.

Ao ser indagada sobre por que a família de Vinícius guarda os cadernos, notamos que há nessa ação um valor sentimental, como uma lembrança da infância do menino que será mantida por gerações: “Pra ele, ‘né’, pra gente, quando ele ‘tá’ já formado, com os filhos dele eu mostrar, ‘Olha, isso aqui era do seu pai’... só de lembrança, coisa assim...eu não planejava ter outro... eu digo, vou... fui guardando”.

Em relação à perspectiva de continuidade dos estudos dos filhos, as famílias afirmam que os filhos irão cursar o ensino superior. O pai de Vinícius diz que o menino quer ser engenheiro civil e que já faz até projetos de construção com cálculos precisos. A mãe de Eduardo também afirma que o menino fará curso superior.

[...] vão fazer faculdade com certeza... a Y fala muito ‘né’, professora dele de música, ela é um exemplo sabe, assim. Porque ela trabalha na escola de música, ela faz faculdade, ela tem dois filhos, ela faz teatro, você tem que ver, ela é batalhadora. E ela morava aqui no ‘valão’, e hoje ela faz faculdade de música pública ‘né’.

Está presente, no transcorrer das duas entrevistas, a tentativa dos pais de proporcionarem condições para que os filhos concluam os estudos. Os meninos fazem cursos de inglês e têm acesso à Internet. Os pais deixam clara a importância de estudar. Os filhos, por sua vez, também dizem que gostam de estudar, que fazem as tarefas de casa sem precisar da cobrança dos pais. Em relação a Eduardo, a família toma como exemplo alguém que superou as dificuldades e chegou ao ensino superior. Isso serve de motivação, para que os filhos também consigam concluir os estudos.

As duas famílias relatam que os filhos tiveram dificuldade no enquadramento idade-série, porque já estavam alfabetizados quando começaram a cursar a classe de alfabetização. No caso de Vinícius, os pais dizem que ele teve que regressar três anos letivos já cursados em outra

⁶ Espaços físicos localizados em escolas públicas, onde se realiza atendimento educacional especializado.

escola, porque era muito calado e teve dificuldade para se adaptar ao meio. Pelo depoimento dos pais de Vinícius, ele se caracteriza como uma pessoa especial e, por isso, a família se faz muito presente, buscando acompanhar o desenvolvimento do filho e auxiliar quando é preciso, uma vez que sua dificuldade ainda não foi diagnosticada.

Na entrevista com a família de Eduardo, ficou notório que a mãe se remete continuamente ao filho mais velho, precisando inclusive o entrevistador perguntar de quem a mãe estava falando, já que o foco da pesquisa era Eduardo, e não o irmão. A mãe descreve Eduardo como alguém mais agitado, que apresenta dificuldade de aprendizagem devido a problemas na arcada dentária e que gosta de futebol, enquanto o irmão se inclina para a área de informática. No trecho que se segue, é possível observar que a mãe se refere negativamente a Eduardo, enquanto evidencia o potencial do outro filho.

O pessoal fala muito que eu paparico mais o X (irmão de Eduardo), que é o mais velho do que ele, 'né'? O Eduardo também, ele é assim, ele é inquieto. Ele é nervoso... o Eduardo fazia o mesmo curso que ele, junto com o X. Só que o Eduardo tem um problema sério de dicção... ele, acho que quando ele começar a usar aparelho, acho que vai melhorar, é por causa dos dentes, então ele não conseguiu pronunciar direito o inglês, e aí ele tirou nota, ele não passou por dois pontos, agora, ainda nesse ano. Ele ficou dois anos ainda e o X 'tá' no terceiro ano já.

Conclusão

Por meio das entrevistas, pudemos perceber que os motivos pelos quais as famílias entrevistadas guardavam os cadernos de seus filhos podem ser associados, em quatro dos seis casos apresentados, a uma prática mais afetiva. As famílias disseram que guardavam o caderno como um objeto de lembrança da infância e da escolarização inicial dos filhos. Alguns dos alunos continuaram a guardar seus cadernos, passando essa ação a ser um hábito familiar. As outras duas famílias evidenciaram que guardavam os cadernos com fins de consulta e apoio para os estudos, e não como objeto de afeição, tendo assim, um intuito pedagógico entrelaçado à guarda dos cadernos.

As entrevistas levaram a uma proximidade com as famílias, permitindo-nos conhecer um pouco mais da visão dos pais sobre a escolarização dos filhos. *A priori*, supúnhamos que as famílias que guardavam os cadernos seriam famílias muito presentes na escolarização dos filhos, que almejassem o

ensino superior e que participassem assiduamente da vida escolar deles. Conforme aponta Nogueira (2006, p. 157),

sondagem realizada pelo Ibope em dezembro de 2000 [...] revelou que 97% dos pais ouvidos se disseram favoráveis a visitas frequentes à escola dos filhos; 93% acham importante acompanhar a vida escolar da prole e pedem pelo menos oito reuniões anuais com os professores.

No entanto, em nossa pesquisa, três famílias contradisseram essas expectativas. Essas famílias não demonstraram presença assídua na escola, disseram que não conheciam os professores e só interagiam com a escola quando convocados, no caso das reuniões de pais, por exemplo. Esses pais consideravam a conclusão do ensino médio suficiente para a escolarização dos adolescentes, por ser esse o mínimo de escolaridade exigido pelo mercado de trabalho.

As três famílias restantes confirmaram nossas expectativas, posicionaram-se como famílias presentes, que conhecem a escola dos filhos e procuram potencializar o conhecimento dos meninos através de cursos e atividades que auxiliam em seu aprendizado. Esses pais almejam a conclusão do ensino superior para os filhos e se esforçam na busca de meios para que eles consigam de fato concluí-lo. No caso específico da família de Vinícius, a presença dos pais e a participação na escolarização do filho se dão, em boa parte, pelo fato de o menino ser uma criança possivelmente especial, necessitando ainda mais da presença dos pais.

Um fator que se destacou durante as entrevistas esteve na proximidade das falas dos pais residentes na Vila Cruzeiro. Das quatro famílias entrevistadas dessa comunidade, apenas uma declara almejar a conclusão do ensino superior para sua filha, as demais dão o ensino médio como suficiente. Aparece fortemente nas falas o temor à violência local, que inviabilizaria aos filhos de um convívio social maior, como frequentar espaços culturais e cursos fora da comunidade, devido ao perigo do trânsito para sair e chegar à casa. A distância geográfica do centro da cidade e a falta de recursos - como o transporte - na comunidade podem vir a ser uma das causas que inibem as famílias a almejarem a conclusão dos estudos, situação bem diferente na Rocinha, localizada na zona sul e de fácil acesso a escolas e universidades e próxima a vários equipamentos culturais dispostos pela cidade.

Esses resultados, apesar de parciais, podem vir a ser úteis para aumentar o acervo de conhecimentos sobre a realidade dos alunos que frequentam as escolas da rede pública, seu contexto familiar, a relação dessas famílias com a escola e de que maneira essa relação pode refletir a apropriação do conhecimento dos alunos e seus resultados diante das avaliações propostas.

Referências bibliográficas

- ARROYO, M. A escola é importantíssima na lógica do direito à educação básica. In: COSTA, M. V. (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 127-160.
- BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável*. São Paulo: Ática, 2008.
- NOGUEIRA, M. A. Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. In: *Paidéia*, v. 8, n. 14-15, p. 91-103, fev-ago 1998.
- _____. A ação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. In: *Análise Social*, v. 40, n. 176, p. 563-578, out 2005.
- _____. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. In: *Educação & Realidade*, v. 31, n. 2, p. 155-170, jul./dez. 2006.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 9ªed. Campinas: Autores Associados, 2005.
- VAN-ZANTEN, A. H. Les familles face à l'école – rapports institutionnels et relations sociales. In: DURNING, P. (Org.). *Education familiale: un panorama des recherches internationales*. Paris: MIRE/MATRICE, 1988. p.185-207.
- VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: COSTA, M. V. (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 103-126.